

MATERIALIDADE E ÉTICA INTERCONTINENTAL DO VALE DO AMANHECER

MATERIALIDAD Y ÉTICA INTERCONTINENTAL DEL VALLE DEL AMANECER

MATERIALITY AND INTERCONTINENTAL ETHICS OF THE DAWN VALLEY



James SANTOS¹

e-mail: james.washington@ifal.edu.br



Roberto Calábria Guimarães da SILVA²

e-mail: roberto.silva@ifal.edu.br

Como referenciar este artigo:

SANTOS, J.; SILVA, R. C. G. Materialidade e ética intercontinental do Vale do Amanhecer. **Rev. Cadernos de Campo**, Araraquara, v. 24, n. esp. 1, e024010, 2024. e-ISSN: 2359-2419. DOI: <https://doi.org/10.47284/cdc.v24iesp.1.18515>



| **Submetido em:** 25/09/2023

| **Revisões requeridas em:** 31/10/2023

| **Aprovado em:** 02/04/2024

| **Publicado em:** 30/09/2024

Editores: Profa. Dra. Maria Teresa Miceli Kerbauy
Prof. Me. Thaís Cristina Caetano de Souza
Prof. Me. Paulo Carvalho Moura
Prof. Thiago Pacheco Gebara

¹ Instituto Federal de Alagoas (IFAL), Maceió – AL – Brasil. Doutorado em Ciências Sociais pela UNESP/FCLAr, com estágio no Centro de Estudos Sociais – CES, em Portugal. É membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Sociedades, Poder, Organizações e Mercados (NESPOM) da UNESP/FCLAr e do Núcleo de Estudos sobre Organizações, Gestão, Empreendedorismo, Tecnologia e Qualidade (NEOGETQ) do IF-AL. Trabalha com estudos relacionados ao Mercado de Bens de Consumo e Simbólicos e Sociologia da Religião.

² Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), Palmeira dos Índios – AL – Brasil. Possui graduação em Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (1999) e graduação em Direito pelo Centro de Estudos Superiores de Maceió (2007). Especialização em História de Pernambuco pela UFPE (2000) e História do Brasil pela FAINTVISA (2002), Mestrado em Engenharia Industrial pela UFBA (2017). Doutorando em Ciências da Religião pela UNICAP. Atualmente é Professor Assistente da Universidade Estadual de Alagoas Campus III e professor de 1º e 2º grau do Instituto Federal de Alagoas - Campus Palmeira dos Índios. Tem experiência nas áreas de História, com ênfase em História Moderna e Contemporânea e Direito, com ênfase em Direito Penal Militar.

RESUMO: Este artigo trata da formação do grupo religioso Vale do Amanhecer e os princípios que regem seu funcionamento. Partindo deste princípio o conceito que nos permite operar esta nossa análise é o de hibridismo. Este caracteriza o VDA, pois absorve conceitos e rituais de várias crenças, formando um mosaico de conceitos presentes em várias vertentes religiosas: o catolicismo; a religião politeísta da Grécia antiga; o kardecismo europeu; as religiões de matriz africana; o politeísmo do Egito antigo; o budismo dos mosteiros do Tibete, além da referência aos caboclos indígenas e jaguares na América. Todas estas crenças encontram-se de alguma maneira ritualizadas nos templos e hospitais do VDA. Nossa pesquisa é baseada em análise documental (artigos e livros sobre o tema), embasadas por análises teóricas e de campo, o que nos permite, dentro deste mosaico multiculturalista e *New Age*, visualizar elementos intercontinentais configurados através dos símbolos em questão.

PALAVRAS-CHAVE: Vale do Amanhecer. Hibridismo. Materialidade. Rituais.

RESUMEN: Este artículo trata sobre la formación del grupo religioso Vale do Amanhecer y los principios que rigen su funcionamiento. Partiendo de este principio, el concepto que nos permite operar nuestro análisis es el de hibridación. Esto caracteriza a la VDA, ya que absorbe conceptos y rituales de diversas creencias, formando un mosaico de conceptos presentes en diversos aspectos religiosos: catolicismo; la religión politeísta de la antigua Grecia; Kardecismo europeo; religiones de base africana; el politeísmo del antiguo Egipto; el budismo de los monasterios tibetanos, además de la referencia a los caboclos y jaguares indígenas de América. Todas estas creencias están de alguna manera ritualizadas en los templos y hospitales de la VDA. Nuestra investigación se basa en el análisis documental (artículos y libros sobre el tema), apoyado en análisis teóricos y de campo, que nos permite, dentro de este mosaico multiculturalista y *New Age*, visualizar elementos intercontinentales configurados a través de los símbolos en cuestión.

PALABRAS CLAVE: Valle del Amanecer. Hibridación. Materialidad. Rituales.

ABSTRACT: This article deals with the formation of the Vale do Amanhecer religious group and the principles that govern its operation. Based on this principle, the concept that allows us to operate our analysis is that of hybridity. This characterizes the VDA, as it absorbs concepts and rituals from various beliefs, forming a mosaic of concepts present in various religious aspects: Catholicism; the polytheistic religion of ancient Greece; European Kardecism; African-based religions; the polytheism of ancient Egypt; Buddhism of Tibetan monasteries, in addition to the reference to indigenous caboclos and jaguars in America. All of these beliefs are in some way ritualized in the VDA's temples and hospitals. Our research is based on documentary analysis (articles and books on the topic), supported by theoretical and field analyses, which allows us, within this multiculturalist and *New Age* mosaic, to visualize intercontinental elements configured through the symbols in question.

KEYWORDS: Dawn Valley. Hybridity. Materiality. Rituals.

Introdução

A história do Vale do Amanhecer até o ano de 1985 se confunde com a história de Neiva Chaves Zelaya, a Tia Neiva. Na visão de Oliveira (2011), a vida de Tia Neiva se encaixa perfeitamente na narrativa da mulher empoderada do século XXI, uma mulher à frente de seu tempo. Nascida em 1925 em Própria (SE), em uma família católica, Tia Neiva seguiu alguns passos comuns às mulheres de sua época: católica praticante casou-se aos 18 anos com Raul Zelaya Alonso e teve quatro filhos: Gilberto, Carmem Lúcia, Raul e Vera Lúcia. Contudo, o ponto de inflexão veio aos 22 anos quando ficou viúva e precisou trabalhar para sustentar seus filhos. Atuou como caminhoneira (sendo a primeira mulher no Brasil a obter habilitação para dirigir caminhões), motorista de ônibus urbano, dentre outros empregos.

Em 1957 recebeu o convite para ir trabalhar na futura capital federal (Brasília-DF). Aceitou o convite e mudou-se com os quatro filhos para juntar-se aos candangos³, fato que provocou grande mudança em sua vida, pois aos 33 anos e já residente na capital federal ela diz ter começado a receber clarividências (ver e ouvir espíritos). Procurou ajuda na Igreja Católica e na Psiquiatria e, não obtendo resultados, aproximou-se do espiritismo onde conheceu Mãe Neném e resolveu fundar com ela a União Espiritualista Seta Branca (UESB) em 1960.

Imagem 1 – Aviso de entrada para o salão da União Espiritualista Seta Branca – UESB



Fonte: O amanhecer do Jaguar, 2023.

³ Candango, originalmente uma palavra oriunda da África, era utilizada pelos escravos de forma pejorativa, referindo-se aos portugueses que traficavam pessoas, sendo posteriormente designada aos senhores de engenho.

A parceria durou cinco anos, quando em 1964 Tia Neiva se afasta de Mãe Neném e a UESB é desfeita. Com isso, Tia Neiva funda em Tabatinga a OSOEC (Obras Sociais da Ordem Espiritualista Cristã). Em 1965 Tia Neiva casa-se com Mário Sassi e quatro anos depois funda o Vale do Amanhecer em Tabatinga, sendo posteriormente transferido para Planaltina como seu endereço definitivo.

A união entre Tia Neiva e Mário Sassi é a chave para entender a lógica binária do Vale do Amanhecer. Tia Neiva cuidava da parte espiritual (até sua morte em 1985), enquanto Mário Sassi cuidava da organização e da parte burocrática da doutrina (como os adeptos referem-se aos postulados desta religião). No Vale do Amanhecer os médiuns são organizados ainda hoje em Aparás/Ajanás (médiuns de incorporação) e Doutrinadores (médiuns que fazem a intermediação entre a entidade e o paciente). Em termos gerais, os homens são chamados de Jaguares e as mulheres de Ninfas. No lado mais específico dos ritos, Aparás/Ajanás como médiuns de incorporação se aproximam da Umbanda, enquanto os Doutrinadores (médiuns de intermediação), se aproximam do Kardecismo, essa é a lógica binária do Vale do Amanhecer.

Imagem 2 - Fitas de identificação (Doutrinador a esquerda e Apará a direita)



Fonte: O amanhecer do Jaguar, 2023.

Neste sentido este artigo aborda os aspectos materiais e éticos do Vale do Amanhecer a partir de sua constituição histórica e panteão intercontinental. Por isso, para além da Introdução e das Considerações Finais, buscamos neste trabalho explicar as nuances entre binarismo,

hibridismo e sincretismo, sendo este o foco da primeira seção deste artigo. Já na segunda seção, será abordado o Vale do Amanhecer como uma religião *New Age*, enfatizando seu aspecto intercontinental por meio de seus ritos próprios e materialidades.

Binarismo, hibridismo e sincretismo

De forma singela o hibridismo em aspecto religioso pode ser definido como o uso por uma determinada comunidade religiosa de sistemas de crença distintos, de forma conectada, sem alteração dos pressupostos fundamentais (Berger, 2017). A partir deste pressuposto podemos compreender que essa ideia se ajusta com a ética do Vale do Amanhecer mais do que a ideia de sincretismo. Neste caso, o hibridismo indica mistura, enquanto o sincretismo é a fusão das religiões. Apesar disso, em nosso contexto religioso é perceptível a presença do sincretismo devido às religiões de matriz africana. Dado a peculiaridade da nossa colonização, os africanos, proibidos de cultuar seus orixás, faziam o espelhamento de suas entidades com os santos católicos, como uma forma de continuar a cultuar suas divindades fazendo parecer a quem estava de fora que eles estavam efetivamente “convertidos”, assim: “os santos católicos teriam que mais tarde tomar a semelhança e muitos dos atributos dos orixás para se popularizarem no contexto local” (Freyre, 2006, p. 204).

O processo de colonização do Brasil, que ocorreu a partir da miscigenação de três grupos étnicos (africanos, indígenas e europeus), foi efetivado também pela urgente necessidade de Portugal em ocupar o território brasileiro sob risco de invasão por outros povos europeus. Isso é o que fundamenta a observação de Freyre (2006) acerca da formação do povo brasileiro, contexto em que ele desenvolve o conceito de “Democracia Racial”. O ponto é que para Freyre (2006), o elemento aglutinador do processo de formação da identidade nacional seria a religião católica que perpassa as três etnias: o português que vai trazer o catolicismo para a colônia, o índio catequizado e o negro sincretizado.

As festas religiosas ocorriam ao longo de todo o ano e marcavam o calendário do Brasil colonial, imprimindo ritmo à vida social. Eram acontecimentos que congregavam todos os membros da casa grande – senhores e escravos – bem como seus aliados de outras famílias. Momentos de convívio social, de celebração, de revitalização de laços intra e interfamiliares, de ir à cidade para comemorar (Freyre, 2006, p. 38).

Desta forma o africano na condição de escravizado vai desenvolver estratégias para preservar a sua identidade e no campo religioso o sincretismo vai ser a estratégia utilizada para

manter a sua religião sem ser admoestado pelo branco. Isso manterá a sobrevivência das religiões africanas na colônia, dentro da linha de culto aos deuses ancestrais, também conhecidos como orixás (para o Candomblé).

Já o Vale do Amanhecer que fora fundado em 1969, portanto, na segunda metade do século XX, também encontrará um contexto social brasileiro de maioria católica, o que gera certa pressão do consciente coletivo (Durkheim, 2012), sobre as religiões fora do escopo cristão. Contudo, visto que estamos em um Brasil republicano, o catolicismo não é mais considerado uma religião oficial de Estado como na Constituição Imperial de 1824, porém, oficiosamente, a resistência a modelos religiosos alternativos continua como um dilema, apesar do Vale do Amanhecer não se afastar das origens do povo brasileiro, ou seja, da característica de um povo miscigenado e de cultura híbrida.

Ao estudar a pluralidade dos modos de ser dos sertanejos nordestinos, dos caboclos da Amazônia, dos crioulos do litoral, dos caipiras do Sudeste e do centro do país, dos gaúchos das campanhas sulinas, dos ítalo-brasileiros, dos teuto-brasileiros, Darcy confirmava que, no Brasil, o elemento híbrido reina (Miglievich-Ribeiro, 2011, p. 10).

O conceito de hibridismo é amplo e não se restringe apenas ao campo cultural, estendendo-se também a áreas como a Biologia, a Literatura, entre outras. No entanto, quando discutido no contexto cultural, o hibridismo adquire relevância especial para o estudo do Vale do Amanhecer, uma religião que emergiu dentro do movimento *New Age*. Durante o período de surgimento do Vale do Amanhecer, o mundo passava a experimentar com maior intensidade movimentos como o multiculturalismo e a globalização, influências que impactaram a formação dessa religião. Nesse contexto, Burke (2003) aborda o hibridismo como o resultado de encontros múltiplos e da mistura de culturas diversas em um nível multicultural e global. Segundo Burke, “Devemos ver as formas híbridas como o resultado de encontros múltiplos e não como o resultado de um único encontro, quer encontros sucessivos que adicionem novos elementos à mistura, quer reforcem os antigos elementos” (Burke, 2003, p. 31).

New Age e Multiculturalismo

O final do século XIX foi marcado como o início do movimento *New Age*, como explica Oliveira (2014): “Em termos históricos, os movimentos *New Age* começam a se delinear, ainda nos finais do século XIX, a partir da teosofia, do ocultismo e do transcendentalismo [...]”. No século XX, a atração do ocidente pelo oriente é mais um tijolo na edificação. Religiões orientais passam a despertar interesse por parte dos ocidentais, criando uma aproximação dos elementos culturais do Budismo, Hare Krishna, Yoga, etc. Said (2006) desenvolveu o conceito de ocidente latente, que basicamente analisa a ideia de um oriente idealizado ou romantizado pelo ocidente. É dentro desses conceitos que o movimento *New Age* é formado e avança na segunda metade do século XX, quando chega ao Brasil.

No Brasil, o *New Age* encontra um campo fértil para se expandir devido às características construídas da nossa origem colonial (Amaral, 2000). As religiões de origem africana bem como as religiões dos povos originários com suas magias e seus ritos xamânicos, a Maçonaria, Teosofia e outras práticas vindas com os europeus, bem como práticas orientais que chegam com os imigrantes japoneses e posteriormente com os imigrantes chineses formam um ambiente propício ao hibridismo. A nossa formação étnica mesclada com os imigrantes orientais que chegam no século XX formam os ingredientes necessários para o *New Age* ganhar força a partir do final da década de 1960.

Na década de 1970, em decorrência do primeiro choque do petróleo, que resultou diretamente da Guerra de Yom Kippur em 1973, o Milagre Brasileiro perdeu força. A classe média foi severamente afetada, e a ditadura militar começou a perder sustentação popular, iniciando um longo processo de transição para a democracia. Esse período de mudança permitiu o surgimento de novos movimentos na cultura brasileira, como o movimento armorial e o rock brasileiro, com Raul Seixas como um de seus precursores. Raul Seixas explorou o misticismo em suas músicas, colaborando com Paulo Coelho e se inspirando nas doutrinas de Aleister Crowley.

Foi durante esse processo gradual de redemocratização que religiões iniciáticas, como o Santo Daime e o Vale do Amanhecer, começaram a expandir-se pelo território brasileiro. No Brasil, o movimento *New Age* adquiriu uma dimensão própria, diferenciando-se do americano e europeu. O elemento distintivo desse *New Age* brasileiro é a sua aproximação com movimentos religiosos populares, incorporando entidades espirituais como caboclos, pretos velhos e exus, que transitam na Umbanda.

A Nova Era no Brasil, ao sincretizar (**hibridizar**), realiza tal processo dentro de uma brasilidade, com o famoso jeitinho, fala-se em preto-velhos, caboclos, Iemanjá etc., mas quando indagamos aos nossos informantes se estes são os mesmos daqueles encontrados na Umbanda e no Candomblé, eles enfaticamente destacam que não são só, se aparentam na imagem, mas são outros, seres de luz, evoluídos espiritualmente, que estão aqui para fazer caridade. Neste sentido, encontramos a incorporação do espiritismo kardecista, como um elemento fundamental para cimentar as práticas sincréticas (**híbridas**), já que ele remete a uma religião de mediação, ao mesmo tempo próxima das práticas dos cultos afro-brasileiros, por ser uma religião de possessão, mas ao mesmo tempo distante simbolicamente ao ser uma religião de brancos e letrados (Oliveira, 2011, p. 81, grifo nosso).

O *New Age* se articula com as entidades espirituais africanas em religiões como a Umbanda, a Barquinha e o Vale do Amanhecer:

Ao chamarmos a atenção para a articulação entre os elementos dos cultos afro-brasileiros e o NA, cujas expressões emblemáticas encontrar-se-iam em movimentos como o Vale do Amanhecer, Santo Daime, Barquinha, Umbanda Mística, Umbandaime etc., poderíamos cair no risco de nos referirmos apenas a uma “umbanda estilizada”, ou mesmo a uma “umbanda branca”. Considerando que, como nos aponta Ortiz (1999), a própria umbanda surge a partir de um movimento de “embranquecimento” dos cultos afro-brasileiros, incorporando elementos diversos a estes cultos, em especial elementos do Espiritismo Kardecista (Oliveira, 2014, p. 175).

Os Ritos Intercontinentais do Vale do Amanhecer

O hibridismo, o multiculturalismo e o *New Age* associados à colonização brasileira fornecem a explicação da configuração ritualística do Vale do Amanhecer que reflete a formação de uma identidade. Um caldeirão étnico forjado a partir da diversidade do português (romano, ibérico, mulçumano e africano), do autóctone e do africano. Ao analisarmos os rituais do Vale do Amanhecer veremos fragmentos de diversas religiões dos continentes europeu, americano, africano e asiático. Neste sentido, analisaremos os rituais da Cura, Trono, Indução e Sudálio.

A fundadora do Vale do Amanhecer, Neiva Chavez Zelaya, conhecida como Tia Neiva, criou o Vale do Amanhecer como uma religião espiritualista cristã, a partir das visões que recebeu de uma entidade espiritual chamada Pai Seta Branca. Na origem da principal entidade do Vale do Amanhecer fica patente o hibridismo intercontinental. Pai Seta Branca foi um índio do altiplano boliviano que teria vivido no século XVII e que seria a reencarnação de São Francisco de Assis (Álvares, 1991). Com isso podemos perceber o hibridismo de um elemento do catolicismo europeu, com outro elemento da cultura autóctone americana.

O hibridismo intercontinental do Vale do Amanhecer é evidenciado também pelo trânsito de entidades de outras religiões em sua ritualística. Esse fenômeno inclui a incorporação de entidades de cultos afro-brasileiros, como Juremas, Caboclos, Pretos Velhos e Exus. No contexto do Vale do Amanhecer, utiliza-se a terminologia “direita” e “esquerda” para diferenciar esta religião das religiões de matriz africana. De acordo com essa categorização, o Vale do Amanhecer é associado à “direita”, enquanto as religiões de matriz africana são vinculadas à “esquerda”⁴.

Exercitando intensamente sua criatividade mitológica e ritualística, ela procedeu a realizar uma leitura espírita de uma quantidade de outras tradições religiosas, dentro de uma linha básica que também pode ser considerada umbandista, ou afro-brasileira, na medida em que a entidade principal cultuada no Vale do Amanhecer é um Caboclo (espírito ligado às matas e que representa o poder espiritual indígena, mestiço e, por extensão, de qualquer brasileiro) chamado Seta Branca. Essa entidade poderia pertencer facilmente ao panteão dos cultos afro-brasileiros tradicionais, como a jurema, a pajelança, a macumba, além da umbanda; por outro lado, pode ser igualmente interpretada como uma figura cristã, na medida em que Seta Branca é descrito também como um avatar de São Francisco de Assis (Carvalho, 1999, p. 14).

O Vale do Amanhecer possui rituais diversos e complexos. O indivíduo que chega ao Vale do Amanhecer na condição de paciente e que segue um percurso na busca da cura espiritual, tem como primeiro passo o ritual do Trono. Nesse rito o paciente senta-se em uma cadeira à esquerda e à direita fica sentado o médium de incorporação (Apará/Ajanâ). Atrás e em pé fica o médium doutrinador, com isso o médium de incorporação recebe as entidades espirituais (nesse ritual temos a presença de entidades das religiões de matriz africana: pretas e pretos velhos, caboclos que aconselham e indicam outros rituais). Durante a sessão, espíritos pouco evoluídos atravessam a ritualística e se ligam aos médiuns de incorporação, sendo esses apoiados por médiuns doutrinadores que assessoram o rito e tentam elevar os espíritos obsessores, fato que também indica a ligação do paciente com tais espíritos.

O doutrinador não deve ficar parado atrás de um Apará, mentalizando. Logo que chegue, fará a puxada. Depois, naturalmente, fará a doutrina e a elevação. Caso o espírito não desincorpore, não deve insistir. Deixa seu lugar para outro, pois, muitas vezes, há necessidade daquele sofredor receber fluido de outra natureza para completar sua recuperação, o que não acontecerá se o mesmo doutrinador permanecer atendendo-o (ASPIRANTEVALELASARO, 2017).

⁴ Direita e esquerda aqui são referências as qualificações morais dos trabalhos religiosos feitos.

A Cura é um ritual de inspiração kardecista onde os pacientes sentam-se em bancos de cimento e recebem energias dos médiuns incorporados. À frente ficam doutrinadores e falanges femininas e o comando do ritual é feito por um doutrinador do sexo masculino, pois só os homens exercem o comando dos rituais no Vale do Amanhecer, apesar da religião ter sido fundada por uma mulher. Em geral, os pacientes sempre são encaminhados à cura após a consulta no trono.

São necessários 10 Aparás e 6 Doutrinadores, que se posicionam atrás dos Tronos, podendo estar com qualquer uniforme. Com indumentária, 2 mestres adjuração: um ficará com a lança diante do sal e do perfume e o outro fará a coordenação dos pacientes, contando o tempo das incorporações. No Aledá entram, com suas indumentárias, 4 Mestres Sol, 1 Ajanã, 3 Ninfas Lua e 1 Ninfa Sol (ASPIRANTEVALELASARO, 2017).

O Ritual de Indução é um dos rituais do Vale do Amanhecer que se caracteriza como totalmente iniciático, representando um aspecto puro do movimento *New Age*. Este ritual apresenta um hibridismo que integra elementos de religiões tradicionais, bem como influências de religiões de matriz africana, indígena, tibetana, e europeias anteriores ao cristianismo, além de aspectos relacionados à ufologia. A finalidade do Ritual de Indução é promover a elevação de espíritos obsessores, através de uma troca de energias entre os pacientes e os mestres.

Indução é um trabalho puramente iniciático, que beneficia tanto os pacientes, bem como aos mestres que dela participarem. É formada uma corrente que capta diversas forças negativas, pelo sistema de um mecanismo original dos iniciados. Seus comandantes deverão ser designados somente pelo mestre Tumuchy ou pelo 1º mestre Jaguar. (ASPIRANTEVALELASARO, 2017).

Já o Sudálio é um ritual onde fica clara a hibridização do kardecismo com a Umbanda e entidades indígenas, o qual podemos observar os passes (rito do espiritismo kardecista), pretos velhos (entidades da Umbanda) e caboclos (entidades indígenas) que se incorporam nos médiuns e aplicam os passes nos pacientes.

Em síntese, como já afirmava Durkheim (2013), o Vale do Amanhecer é uma composição de ritos e mitos que dão forma a uma comunidade moral, forjada em torno de elementos sagrados ainda que intercontinentais e híbridos. Isso mostra o potencial da diversidade religiosa brasileira, que:

1. Fortalece o uso de indumentárias;

2. Cria instrumentos simbólicos da religião;
3. Sistematiza e define espaços de performatividade;
4. Assume o assistencialismo espiritual como uma forma de serviço;
5. Retira dos serviços a lógica econômica sem excluir as possibilidades de troca.

Assim o Vale do Amanhecer se coloca como: movimento *New Age*, ponto de hibridismo cultural, referência assistencial, referência de multiculturalismo e sobretudo, ponto em que símbolos materiais e imateriais se tornam convergentes.

Considerações finais

O Vale do Amanhecer é uma religião (movimento) categorizado como *New Age* Popular, ainda que esta nomenclatura seja algo difícil de definir objetivamente. Em nosso estudo, fica claro o hibridismo intercontinental, pois o Vale do Amanhecer é formado a partir de fragmentos de diversas matrizes religiosas e ufológicas, além de rituais formados a partir da união de vários fragmentos. Os fragmentos, por sinal, são uma constante no Vale do Amanhecer, podendo ser observados tanto nos rituais, como na própria história (Zelaya, 1977).

A gama de elementos de matrizes religiosas europeias, asiáticas, africanas e americanas presente nos rituais do Vale do Amanhecer, podem ser encontrados nos mosteiros do Tibet, nas religiões politeístas da Grécia e do Egito antigo, nas entidades do Candomblé e da Umbanda e nas religiões dos ameríndios. Como se trata de mistura, usamos o termo hibridismo e não sincretismo, pois os fragmentos intercontinentais utilizados nos rituais do Vale do Amanhecer, encontram-se unidos, formando um novo ritual e não apenas um espelhamento de entidades. Isso pode ser demonstrado no caso de Pretos Velhos e Caboclos, onde as entidades não perdem suas características ou sofrem modificações, mas são incorporadas aos rituais mantendo as suas essências.

AGRADECIMENTOS: Informar agência de fomento ou deixar em branco.

REFERÊNCIAS

- ÁLVARES, B. **Mensagens de Pai Seta Branca**. Brasília, DF: [s. n.], 1991.
- AMARAL, L. **Carnaval da alma**: comunidade, essência e sincretismo na Nova Era. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- ASPIRANTEVALELASARO. **As leis e chaves ritualísticas do amanhecer**. Disponível em: <https://aspirantevalelasaro.no.comunidades.net/as-leis-e-chaves-ritualisticas-do-amanhecer>. Acesso em: 15 de agosto 2022.
- BERGER, P. **Os múltiplos altares da Modernidade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.
- BURKE, P. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.
- CARVALHO, J. J. **Um espaço público encantado**: pluralidade religiosa e modernidade no Brasil. Brasília: Ed. UnB, 1999. (Série Antropologia, v. 249).
- DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- FREYRE, G. **Casa Grande & Senzala**. 51. ed. Rio de Janeiro: Global, 2006.
- MIGLIEVICH-RIBEIRO, A. M. A crítica pós-colonial a partir de Darcy Ribeiro: Uma releitura de O Povo Brasileiro. **REALIS – Revista de Estudos Antiutilitaristas e Pós-coloniais**, v. 1, n. 1, 2011.
- OLIVEIRA, A. A nova era com um jeitinho brasileiro: o caso do Vale do Amanhecer. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 12, n. 20 p. 67-95, jul./dez. 2011.
- OLIVEIRA, A. A Nova era com Axé: umbanda esotérica e esoterismo umbandista no Brasil. **R. Pós Ciências Sociais**, v. 11, n. 21, jan./jun. 2014.
- O AMANHECER DO JAGUAR. **Acervos doutrinários originais da doutrina do Vale do Amanhecer**. Disponível em: <http://oamanhecerdojaguar.blogspot.com/>. Acesso em: 15 maio 2023.
- SAID, E. W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- ZELAYA, N. C. **Leis e Ritualísticas**. Brasília, DF: Vale do Amanhecer, 1977.

CRediT Author Statement

Reconhecimentos: Salientamos o reconhecimento ao estudo do Prof. Amurabi Oliveira em relação ao tema em questão.

Financiamento: Não há fomento institucional.

Conflitos de interesse: Não há conflitos de interesse.

Aprovação ética: Há respeito pela ética na pesquisa, isso em relação ao tratamento dos elementos teóricos e dados bibliográficos.

Disponibilidade de dados e material: Sim, os textos e dados estão disponíveis para acesso.

Contribuições dos autores: Ambos os autores trabalharam no recolhimento de dados, exposição dos conceitos e análise do tema.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.

Revisão, formatação, normalização e tradução.

